



Ensaio sobre o Cotidiano Escolar do Gestor Escolar na Atualidade: Desafios e Sugestões

Essay on the Daily Life of the School Principal Today: Challenges and Suggestions

Fábio Angélico Leite

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (2014), graduação em Educação Física pela Faculdade Origenes Lessa (2008), pós graduado em Educação Infantil (2014) e Gestão Escolar (2020). Atualmente é Diretor de Escola - EMEI Maria José Moreno Dagina no município de São Manuel - SP. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem e Gestão Escolar. Em suas horas vagas dedica a sua família e animais de estimação.

Flávio Roberto Chaddad

Possui várias licenciaturas e especializações, inclusive em Gestão Escolar. Mestrado em Educação Escolar pela UNESP/Araraquara em 2016 e Mestrado em Educação [Ensino Superior] pela PUC-Campinas em 2004.

Resumo: O objetivo deste Ensaio é discorrer sobre a função do gestor escolar na atualidade. Suas demandas diárias, enfim o seu cotidiano. Para tanto, lançamos mão do materialismo dialético que permite um entendimento complexo do mesmo, pois não dizem respeito apenas ao ambiente escolar, mas se relaciona com a marginalização que se encontram a sociedade, a educação e os profissionais do magistério.

Palavras-chave: educação; gestão escolar; cotidiano escolar; diretor de escola.

Abstract: The purpose of this essay is to discuss the role of the school manager today. Their daily demands, in short, their everyday life. To this end, we employ dialectical materialism, which allows for a complex understanding of it, as it does not only concern the school environment but is also related to the marginalization found in society, education, and teaching professionals.

Keywords: education; school management; school routine; school principal.

INTRODUÇÃO

A educação está passando por sérios revezes na atualidade. São inúmeros problemas, desde o aluno na sala de aula até o salário que está bem aquém às necessidades humanas, muitas vezes, da simples humanidade (Marx, 2001). Dentro deste quadro, as situações críticas que os gestores escolares aondeestão submetidos se multiplicam. São problemas de toda a ordem e, cada escola, tem sua especificidade. Cada secretaria de educação e escola demandam soluções diferenciadas para os seus próprios problemas, que são muitos. Aliás, atualmente, os três pilares – segurança, saúde e educação - que promovem e que fundamentam a vida das pessoas – de todo o mundo – sofrem com a falta e a escassez de recursos. Estas demandas, que são cada vez maiores, entram em contradição com o pagamento de juros de títulos da dívida pública aos financistas ou banqueiros, estes são agraciados pelo “desgoverno estatal”. Cada vez mais o país se afunda e não restam recursos para estes setores acima mencionados, principalmente, para a

educação, para onde todos os problemas convergem. Dito isto, este texto, melhor, este Ensaio, tem como objetivo discorrer o que é ser gestor ou diretor de escola nos dias atuais.

O Diretor de Escola, no papel de gestor escolar, é incumbido a assumir a liderança em todos os âmbitos da escola. Isso inclui organizar as funções de funcionários e professores, atuar com empatia e engajamento junto a pais, alunos e comunidade, e ter consciência material, controlando gastos desnecessários com o auxílio de conselhos e associações. Tais desafios têm como objetivo central promover a aprendizagem das crianças. Essa incumbência, no entanto, exige do gestor um intenso trabalho para concretizar a práxis democrática. Ele deve expor suas convicções com sabedoria, baseando-se em documentos legais e demonstrando competências intrapessoais e interpessoais, construindo assim uma liderança que seja significativa e beneficie todos os envolvidos. Porém, o ecossistema escolar é um *locus* de poder. O poder, conforme afirma Foucault (2012), em seu texto *Microfísica do Poder*, não tem um centro, ele se exerce como um rizoma e percorre e se ramifica em todas as instituições. Por isso, além da liderança, o gestor ou diretor escolar deve também compreender o espaço escolar, a comunidade escolar, como centros de poderes, que se exercem. E não compreendendo isso, não entendendo e não analisando este fator que é crucial para a administração de cada escola, a liderança pode se perder aos poucos. Há algo mais para além da liderança.

Assim, diante da velocidade dos confrontos geracionais, inovações tecnológicas, e das demandas intelectuais e éticas, o gestor escolar é provocado a desenvolver técnicas e habilidades para lidar com os entraves. É fundamental garantir a participação de todos com autonomia e liberdade de expressão, alinhando as suas ações, sobretudo, ao currículo, que se fundamenta na BNCC – Base Nacional Curricular Comum – e ao método de ensino e aprendizagem. É bom salientar que há uma dialética entre o ensino e aprendizagem, ambos podem ocorrer no mesmo momento, mas podem também situar em momentos diferentes, as experiências educativas e as vivenciadas no dia a dia podem contribuir muito para isso.

Para tanto, para vislumbrar o “ser gestor escolar” ou “diretor escolar” na atualidade, buscou-se construir este discurso levando-se em consideração, alguns pontos de extrema importância, elencados pelos autores do texto, que refletem parte dos afazeres diários em uma escola, que são eles: A) Gestão administrativa e financeira; B) Gestão Pedagógica; C) Gestão da Comunidade Escolar.

O COTIDIANO DO DIRETOR ESCOLAR: DA FRAGMENTAÇÃO DO REAL À TOTALIDADE REFLETIDA

Gestão Administrativa e Financeira

O gestor escolar ou diretor de escola precisa estar presente e à frente em todos os setores da escola, conforme a demanda exige. Sua atividade envolve a

competência de abstrair e, na maioria das vezes, antever o que pode acontecer no ambiente escolar. Deve produzir toda documentação que implique na legalidade da escola perante aos governos federal, estadual e municipal – e registrar todas as demandas da escola através de ofícios aos órgãos superiores sob pena de negligência. Isso é crucial para prevenir ocorrências que possam comprometer a segurança de todos. Um exemplo é o corte de grama, dedetização da escola e limpeza da caixa de água. Estas demandas, se não comunicadas aos órgãos superiores a tempo podem acarretar sérios problemas aos gestores. Imaginem alunos – crianças – bebendo água de uma caixa de água em que não foi feita a higienização correta ou a limpeza, poderá ser veículo de problemas à saúde dos alunos. Ou se um aluno for picado por uma aranha ou um escorpião, por falta de dedetização? Crianças pequenas podem até morrer. As consequências serão sérias para o gestor. Estamos aqui apenas discorrendo sobre estas três questões, que devem ser, sim registradas e comunicadas aos superiores solicitando os serviços a cada seis meses, mas são inúmeras questões.

Tudo deve ser registrado pelos gestores, para não incorrer em negligência dos mesmos. Em suma, eles devem sempre – como defesa – registrar tudo. O difícil em uma escola é o tempo – que é escasso e o fluxo de informações que é gigante, sendo que muitas delas são emergenciais e algumas passam despercebidas. As documentações a serem produzidas pelos gestores são inúmeras. Como afirmado acima, referem-se à legalidade ou então ao cotidiano das escolas. Com relação aos recursos financeiros provenientes do PDDE, todos os anos os gestores devem prestar contas dos programas do governo federal ao FNDE e a receita federal. Para tanto, para fazer parte dos programas do governo, as escolas devem fundar uma Associação de Pais e Mestres, que é pessoa jurídica, está inscrita em um CNPJ. As atas da fundação devem ser registradas em um cartório e encaminhadas à receita pelo escritório contábil. Além disso, faz-se necessário registrar a APM e o diretor executivo responsável pela mesma no PDDE-WEB, a partir de então os recursos são repassados às escolas. A cada ano a escola deve pagar as taxas à receita federal que, na maioria das vezes, são recursos provindo de festas. Geralmente os programas que chegam até a escola são o PDDE – Qualidade e o PDDE-Básico. O PDDE-Qualidade recebe recursos do cantinho da leitura e da Educação Conectada. Cada qual com as suas exigências e conforme o Plano de Aplicação Financeira (PAF). Os recursos são determinados em duas categorias: custeio e capital. Os recursos para o custeio dizem respeito a gastos que a escola pode realizar com produtos que não viram patrimônio ou serviços, como, por exemplo, serviços de internet.

Além dos documentos relativos aos recursos do PDDE, os gestores devem realizar conferência do censo e o seu fechamento todos os anos, no sistema educacenso. Também são incumbidos de a cada dois meses apontar a presença dos alunos vinculados ao programa bolsa família no sistema presença. Com relação a Secretaria Eletrônica Digital – SED – do governo estadual, que agora passa a fazer parte do sistema GOV, os gestores devem realizar a matrícula dos alunos, atualização cadastral, cadastro das escolas, com todas as suas benfeitorias,

geolocalização dos alunos, definição dos mesmos para os anos seguintes (alunos do Jardim II e do 5º Anos, que irão para o 1º e o 6º ano no próximo ano), a coleta de salas, o rendimento (aprovação ou reprova), etc, tudo deve estar organizado, principalmente, os dados dos alunos, que são protegidos pela LGPD (Lei Geral de Proteção dos Dados). Já para a secretaria municipal de educação, os gestores devem construir o Plano Gestor da unidade escolar. Este plano é um norte para a escola, onde constam todos os dados e a ações que a escola irá realizar durante estes quatro anos. Além do Plano Gestor, todos os anos, a escola constrói o Adendo ao Plano Gestor, que são as alterações e as adequações que se fizerem necessárias. Todo o ano os gestores devem produzir os quadros. Estes quadros são de horários e a projeção de férias de toda a equipe escolar e devem ser homologados pela secretaria de educação, também compõem o Adendo de cada ano. Outra questão importante diz respeito a ficha 100 e a atribuição de aulas. Todos os anos os gestores devem anotar as faltas e os dias trabalhados pelos professores em uma ficha – a ficha 100. Esta ficha produz uma pontuação que entra no computo para a atribuição de aulas, que ocorre todos os anos. Além da pontuação dos dias trabalhados, os gestores – para a atribuição dos professores – também computam os pontos relativos a cursos de aperfeiçoamento, especialização, mestrado e doutorado realizado pelos professores. Todos os gestores devem também conceder férias aos membros da escola. Todo o ano, conforme o período aquisitivo dos mesmos – aos professores devem ser concedidas férias nos meses de janeiro e julho – e aos outros funcionários em datas a serem acordadas previamente com o gestor, dependendo das necessidades da escola.

O diretor de escola todo o ano deve realizar as eleições para o Conselho de Escola. O conselho de escola é um órgão colegiado composto pela comunidade escolar – equipe gestora, funcionários, professores, alunos e responsáveis. A cada ano é feita eleição para o Conselho Escolar, que aprova ou não os principais documentos da escola, como também delibera sobre vários problemas do ambiente escolar. Um documento que o Conselho de Escola deve aprovar ou reprovar é o calendário escolar de cada ano. A cada ano é produzido o calendário escolar para o ano seguinte. Este deve ser analisado pelo Conselho de Escola – aprovado ou reprovado. Estas são apenas algumas atividades administrativas e financeiras que o Gestor Escolar ou Diretor Escolar deve realizar nas escolas todos os anos. Muitas destas atividades listadas acima seguem datas específicas para serem realizadas. Em meu ponto de vista, o gestor deve organizar uma agenda e uma planilha, pois as documentações e as exigências são muitas, organizar por prioridades, mensais, semanais e diárias. Além da gestão administrativa e financeira há também a gestão dos recursos humanos. Tudo isso visa a evolução (ensino e aprendizagem) dos alunos. Deve haver uma comunicação constante com todos os envolvidos na escola e demais membros da comunidade escolar, reverberando em uma sensação e concretização de segurança, socialização, ensino e aprendizagem para os alunos.

Na gestão administrativa e financeira também, o Gestor Escolar vivencia muitas vezes a deficiência técnica da Associação de Pais e Mestres (APM) ao lidar com recursos federais destinados a materiais tecnológicos. Essa dificuldade

se agrava, pois ainda há professores com limitações no uso da tecnologia. Soma-se a isso a burocracia para a utilização da verba do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). Em decorrência disso, a APM também opta por arrecadar verbas por meio de “ação entre amigos” na própria comunidade. A ausência de um técnico do PDDE mais presente e próximo da administração pública municipal faz muita falta. O objetivo seria orientar os gestores para que o trabalho com a verba federal – que chega às Unidades Executoras pelo CNPJ das APMs – seja realizado com mais agilidade, segurança, dinamismo, economia e eficiência. O desequilíbrio entre estas demandas administrativas, a indisciplina e problemas estruturais podem afetar o objetivo principal, que é a aprendizagem. Outrossim, o cumprimento frequente e improrrogável de documentos delegados pelas autoridades e o atendimento a pais e crianças, muitas vezes, sufocam o trabalho pedagógico, que também deve ser acompanhado regularmente, principalmente, em escolas que não possuem secretários ou agentes administrativos para ajudar na produção dos documentos administrativos e nas necessidades mais básicas da escola – como, por exemplo, matrículas e transferência dos alunos.

Gestão Pedagógica

O diretor escolar, na gestão pedagógica, tem o dever de acompanhar e assegurar a qualidade do ensino. Contudo, nem sempre é possível estar continuamente mais de perto, devido às demandas mais gerais, conforme as elencadas acima: reuniões em órgãos públicos, reuniões com funcionários e monitores (em razão de comportamentos inadequados e repetitivos, que exigem intervenção do Gestor), ausência de monitores por afastamentos justificados, e a burocracia nas contratações. O desinteresse de novos concursados na área, devido à desvalorização salarial e à grande responsabilidade inerente ao cargo é também um fator de dificuldade. Tais fatores afetam o dinamismo necessário para o trabalho oferecido a educadores e alunos, dificultando o alcance dos objetivos de ensino e, principalmente, da aprendizagem. Porém os gestores devem acompanhar de perto os dados das avaliações internas e externas da escola. Deve promover um diálogo com a coordenação pedagógica e os professores. Nos últimos anos, as escolas estão participando diretamente de várias avaliações externas que ajudam e fornecem um retrato da escola e dos alunos, sobretudo, do aprendizado dos alunos. As avaliações externas que são realizadas pelos alunos do 1º ao 5º ano são Criança Alfabetizada; Fluência Leitora para alunos do 2º ano e Saeb e SARESP para alunos do 2º e dos 5º anos do ensino fundamental dos anos iniciais. Estas avaliações focam nas habilidades desenvolvidas pelos alunos conforme a BNCC – Base Nacional Comum e o Currículo Paulista, no caso do SARESP, da onde se obtém o IDESP.

É importante aqui relatar e afirmar que ultimamente as escolas públicas estão recebendo muitos alunos com vários problemas, principalmente, alunos que são de inclusão e que não foram ou – mesmo com encaminhamentos – ainda não passaram por especialistas para futuro diagnóstico e/ou laudo. O sistema é lento demais. Sabemos que vivemos, atualmente, o paradigma da inclusão, que todos nós somos diversos e merecemos educação de qualidade. Este é um dos princípios da

lógica dialética marxista, a busca pela unidade na diversidade. Mas, a inclusão não se torna realidade apenas por matricular uma criança em uma sala de aula regular e/ou no período oposto, uma vez por semana, frequentar o AEE – Atendimento Educacional Especializado. É importante afirmar aqui que isso é só para alunos que possuem laudo. Muitos dos alunos que estão no ambiente escolar não possuem laudo. Mesmo realizando os encaminhamentos necessários a resposta do sistema é morosa, lenta, demora-se meses e até anos para um atendimento e o laudo. Coisas que deveriam ser agilizadas, pois muitos dos alunos que são encaminhados para especialistas apresentam comportamentos inadequados – na maioria das vezes - agressivos no ambiente escolar.

Enquanto isso a escola – professores, outros alunos, privados de aprender, e funcionários - sofrem e muito com o comportamento apresentado por estes alunos. Muitos professores não conseguem nem mesmo ensinar os demais alunos, geralmente os alunos que apresentam problemas não permitem que eles lecionem, que eles ensinem, eles não deixam. Não são alunos que possuem apenas dificuldades, ou uma deficiência intelectual, onde podemos exercer um ensino diferenciado, são alunos que apresentam problemas complexos, que são agressivos com os professores e demais colegas de classe, não acatam os comandos, desafiam e até agredem os professores, os demais alunos, sobem nas mesas e carteiras, derrubam e jogam tudo no chão, enfim, desorganizam um ambiente que está pronto para o ensino e para o lúdico. E a escola, diante de tudo isso está de mãos atadas. Todos os alunos que possuem alguma deficiência também participam das avaliações externas, o nível das escolas é rebaixado já que avançam lentamente. Queremos uma escola inclusiva sim, mas a escola realmente deve promover a inclusão, ter recursos humanos e materiais para que todos possam se beneficiar da diferença, não da forma que vem acontecendo no território nacional. Repito, não é só matricular o aluno na sala de aula. Diante disto, o ambiente escolar se transforma e todos ali são submetidos a um estresse que cansa e lapida qualquer sentido existencial que deve estar contido em uma escola. Os professores não conseguem ser professores – o que os frustra e muito a sua função na sociedade. Como afirmei, isso gera um estresse muito grande no ambiente escolar, pois toda a equipe escolar sofre e muito.

Gestão da Comunidade Escolar

Os aspectos socioemocionais do gestor escolar são desafiadores, isto se torna essencial para o exercício da gestão das pessoas. O profissional precisa controlar as angústias e os problemas psicológicos de todos os envolvidos, transmitindo calma e tranquilidade. Contudo, em seu corpo também existe um coração que bate e ele precisa expor um comportamento altruísta e tranquilo. Esse comportamento altruísta pode se fundamentar em uma expressão: não é apesar do outro, mas com o outro que o ambiente escolar será lembrado como uma segunda casa de todos os envolvidos. O desgaste é igualmente grande quando o gestor escolar é pressionado pelas expectativas da escola por diversas demandas com prazos limites. Essa alta carga emocional pode desencadear efeitos colaterais na saúde mental se ele não

souber lidar com os desafios. Para enfrentar esse cenário, o gestor escolar precisa ser reconhecido como uma autoridade – que difere do autoritarismo. Deve ter competências interpessoais e intrapessoais, lisura, transparência, humildade, ouvir mais do que falar e buscar um envolvimento mais virtuoso com todos do ambiente escolar. A diferença entre autoridade e autoritarismo reside no comportamento com os liderados: o gestor com autoridade é aquele que professores e funcionários adotam como líder e em quem confiam, ao contrário do autoritarismo, que centraliza os interesses em um modelo unidimensional de ação. A vida contínua do gestor escolar exige resiliência, personalidade, convicções alinhadas à gestão democrática e destreza, evitando o engessamento das decisões que podem atrasar processos de desenvolvimento da aprendizagem para as novas gerações.

No compromisso de orquestrar a gestão de pessoas, o gestor escolar precisa desenvolver empatia, fazendo com que os profissionais se sintam seguros com o líder da instituição. Deve promover uma boa comunicação, transparecer calma, ser imparcial e justo, proporcionando lisura no ambiente de trabalho. É essencial mediar conflitos entre pessoas, negociando acordos em locais adequados e com diálogos presenciais, sem expor funcionários. Tais práticas motivam os profissionais, juntamente com a realização de planejamentos com antecedência, evitando esquecer informações importantes que possam comprometer os compromissos pessoais dos liderados. Priorizar o bem-estar da equipe antes do próprio é uma atitude que desenvolve um ambiente colaborativo. Os gestores sempre são os mais que trabalham no ambiente escolar. Eles não podem se ausentar dos mesmos por nenhum dia. Geralmente nunca tem tempo para si, somente para a escola. Todos no ambiente escolar podem, menos os gestores que são, pela determinação ao trabalho, aqueles que buscam promover o melhor ambiente possível para a realização do trabalho, cuja finalidade é sempre o pedagógico, a aprendizagem dos alunos. A construção desse ambiente próspero se dá quando a equipe escolar – a comunidade escolar - se sente pertencente à instituição e sabe que tem voz para colaborar e contribuir: é a realização da gestão democrática no ambiente escolar.

No entanto, o trabalho de acolhimento e consolidação da equipe pode ser prejudicado pela falta de comprometimento de alguns servidores (que utilizam o cargo para interesses próprios que não condizem com a diretriz da educação), pela comunicação estreita entre líderes e colaboradores e pelas interferências políticas na administração municipal. Mais que isso, como apontamos anteriormente no início deste trabalho, a escola, como toda a instituição, possui uma cultura própria, já enraizada. Michel Foucault chamou isso de um *lócus* de poder que se exerce e que se manifesta como um rizoma em todas as direções. Há um diretor de escola, mas há esta cultura enraizada. Reconhecer esta questão é essencial para o Gestor ou Diretor Escolar, pois ele pode atribuir – através de uma gestão democrática – responsabilidades a cada um, dirimindo, portanto, estas forças, que são manifestações cósmicas que pertencem a todos os seres humanos, conforme afirmou Nietzsche (2008) em seu texto “Além do Bem e do Mal” ou, então, Freud denominou como Id.

Por isso, uma liderança que é autocrática não é bem absorvida ou bem vinda pela comunidade de uma instituição, qualquer instituição. O importante é gerir o poder dividido. Legar este poder para todos, para que possam ter a responsabilidade sobre o lugar em que trabalham e que se realizam como seres humanos, pois dotados de intencionalidade! As relações com a comunidade e o fortalecimento da parceria com as famílias não se dão apenas através da realização de “ação entre amigos” e eventos comemorativos construídos pelas crianças, o inclui a utilização do trabalho pedagógico em feiras culturais, exposições artísticas, exposições de trabalhos bimestrais e apresentações de dança e música. Ela se fortalece através da participação nos Conselhos Escolares e a realização de reuniões mensais e extraordinárias com a comunidade e parceiros autorizados pelo município (como serviços de saúde, meio ambiente, segurança e assistência social), o que vem a fortalecer o engajamento familiar. Tais peças montam o quebra-cabeça de uma gestão democrática. Por outro lado, uma gestão corporativa e ditadora não dispõe de engajamento nem de abertura para a comunidade, pois as decisões são centralizadas e as sugestões dos familiares são sempre ignoradas, o que aumenta a insegurança das famílias, a empatia diminui e os conflitos e dúvidas podem desencadear rumos não saudáveis nas relações entre a equipe escolar e a comunidade – que deveriam ser uma só.

A REALIDADE REFLETIDA – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se observou, todas as tarefas executadas pelo diretor de escola ou gestor escolar parecem fragmentadas à primeira vista, mas não são. O ambiente escolar demanda, em sua organização, muita energia psíquica, o que reverbera em um desgaste emocional gigante que, ao final do dia, chega a estafar o gestor ou diretor de escola. Dependendo das condições de trabalho - muitas vezes, trabalha-se dobrado, sem funcionários - todos os colaboradores ficam cansados, o estresse é grande. As tarefas são múltiplas e incessantes, acima relacionamos apenas algumas, mas elas vão se multiplicando e se tornando realidade no dia a dia das escolas. Cada escola e secretaria municipal de educação têm a sua cultura enraizada. Cabe ao gestor saber gerir seus colaboradores levando em conta esta questão central, a cultura que se exprime nas relações de poder que estão enraizadas e se manifestam implicitamente ou explicitamente nas relações que se estabelecem no ambiente escolar. Porém, quando refletimos sobre as tarefas também entendemos que não podemos fugir da burocracia, da administração como forma de organização da vida escolar. Tudo deve estar organizado e arquivado. Entende-se perfeitamente que estas ações são indispensáveis para que o pedagógico – a questão pedagógica - funcione e dê os resultados almejados, que os alunos aprendam a ler e a escrever – sejam alfabetizados - e que tenham um mínimo de cidadania. Assim, lutamos todos os dias, nós gestores e demais profissionais da educação, com inúmeros problemas, problemas estes que não estão relacionados apenas com a escola e a vida acadêmica de cada aluno, com as suas perspectivas e limites para superar o posto, que é um monstro sem rosto – um leviatã, que está sentado em nossa frente.

Este monstro dirime toda luz no final do túnel, transforma as pessoas em “nada”, salinizando qualquer sinal de existência que se encontra perdida no sorriso de cada “ser brasileiro”. Desta forma, a crítica refletida, fundamentada em um método de análise das questões postas, o materialismo histórico e dialético, surge não apenas como um método neste trabalho, mas um fundamento e um instrumento que pode explicar criticamente a realidade educacional das escolas e o papel dos gestores. Ele permite que cada educador mire para além do dado, veja a realidade educativa como um processo de contraditório e crítico que sempre culmina em uma síntese destas múltiplas determinações. Ou seja: aqui não se joga a criança com a água do balde fora, como querem os pós-modernos.

Portanto, o materialismo permite o olhar para o social, para a marginalização em que se encontra mergulhada grande parte da sociedade, para a desvalorização da profissionalização do magistério, contra os salários baixos, muito aquém das necessidades destes profissionais, para que compreendamos que governantes que se dizem agir em favor dos professores e dos funcionários do magistério, ou seja, da educação, na verdade representam os interesses de banqueiros, de corporações que comprou o mundo! Um governo que promove uma carteirada de humilhação – a carteira profissional docente, em que os professores terão direito a descontos, uma vergonha, não pode ser sério! Os professores e demais profissionais do magistério querem ser bem pagos, querem ter prazer para aliviar a dor, querem ser reconhecidos profissionalmente e também financeiramente. Mas, o que vemos e ouvimos das autoridades são apenas discursos vazios, sem vontade nenhuma de resolução destes problemas, já que - como a fome - a questão da educação no Brasil é política, ela está permeada por interesses, ela é fundamentada na ideologia, no falseamento da realidade!

Como afirma Paulo Freire: Educação é um ato Político! O político aqui não significa apenas que ela está permeada por interesses, que ela não é neutra, mas também significa resistência, resistir contra a desesperança, contra o poço em que estamos mergulhados até o pescoço, sem nenhuma perspectiva de melhora a curto e a médio prazo. Olhem o fundo do poço que a profissão docente - que ainda move o país - chegou! Em suma, lutamos pelos direitos dos alunos, para que cada qual tenha uma educação de qualidade, que o povo seja instruído, que consiga sair da Caverna, conforme a Parte VII da República de Platão (2000) – A Alegoria da Caverna -, coisa que este desgoverno que está aí, não quer. Eles querem a desorganização da sociedade e do espaço escolar, querem causar caos com um ensino de baixa qualidade, querem tornar as pessoas dependentes cada vez mais do sistema, com políticas que não retiram ninguém da pobreza, pelo contrário as afundam. Enquanto isso, pagam juros altíssimos a financistas e banqueiros, o povo é saqueado em sua própria casa, em seu próprio país.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2012.

MARX, K. **Manuscritos econômicos e filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

PLATÃO. **A república**. São Paulo: Martin Claret, 2000.